

HEY GRANDPA WE KNOW HOW TO DO IT TOO...

diálogos do multimédia

1 JOÃO BROJO

“untitled”, 2010

cassetes VHS, led(s)
dimensões variáveis

2 FELÍCIA TEIXEIRA

“bee gees, night fever”, 2011

CD audio, stereo

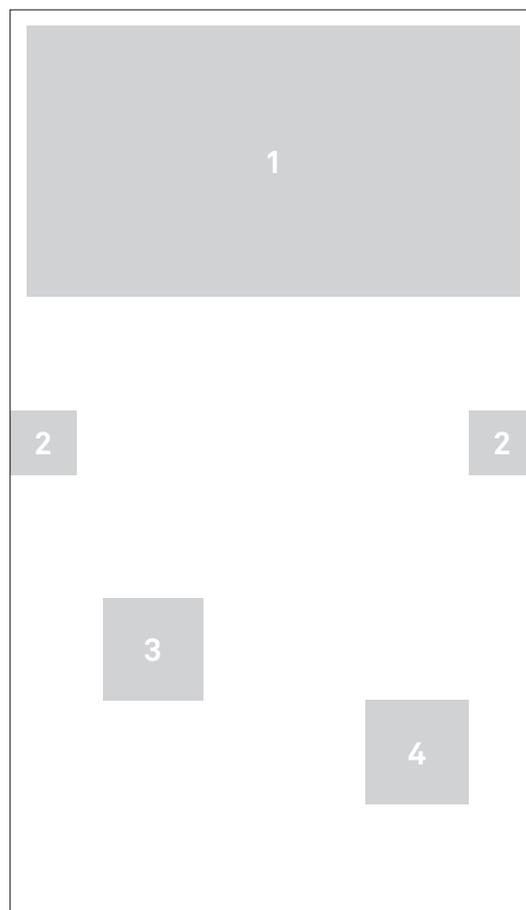
3 ARQUIVOS

Museu da FBAUP

4 MIGUEL MOSCOSO

Untitled | Patharsis 1.2, 2011

Estrutura de Alumínio, lâmpadas fluorescentes,
impressão monocromática em papel translúcido
60x60x215 aprox.



A OLHAR PARA TRÁS COM A CABEÇA BEM VIRADA PARA A FRENTE

Fernando José Pereira, Junho 2011

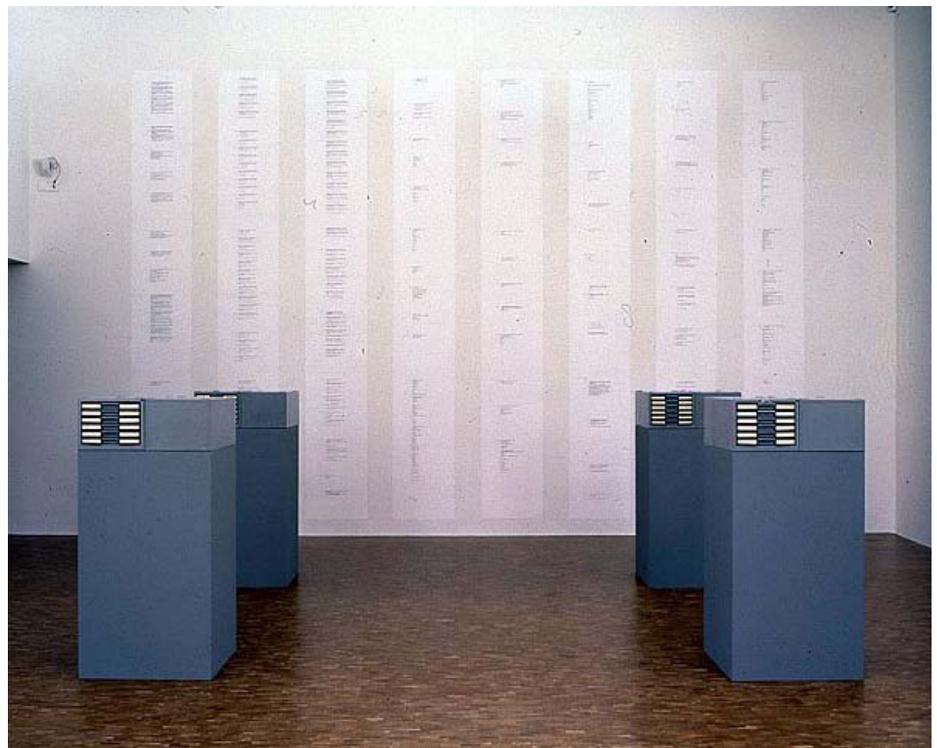
Escrevia Rosalind Krauss no importante ensaio intitulado “Sculpture in the Expanded Field”, e escrito na Primavera de 1979: “The critical operations that have accompanied postwar American art have largely worked in the service of this manipulation. In the hands of this criticism categories like sculpture and painting have been kneaded and stretched and twisted in an extraordinary demonstration of elasticity, a display of the way a cultural term can be extended to include just about anything.” A autora referia-se aqui a uma nova pléiade de possibilidades que estavam a ser experimentadas pelos artistas desde os anos sessenta e que colocavam em crise os fechamentos mediais até então circunscritos às categorias de pintura e escultura. Contribuíram, de forma decisiva, na definição de território daquilo que é conhecido como Arte Contemporânea.

Uma visita ao espólio do Museu da Faculdade revela muito rapidamente o desajuste conceptual em que este(a) estiveram envolvido(a)s durante largos anos. A realidade que motivou o ensaio da historiadora americana, pelos vistos, não teria nenhuma representatividade na então Escola ou, mais grave ainda, as sensibilidades analisadas no ensaio terão sido pura e simplesmente esquecidas. Não cabe aqui, contudo, o questionamento dessa situação, outros o terão, por certo, que realizar. O que nos interessa agora é tentar perceber o que fazer para responder a uma solicitação de diálogo com um espólio quando esse espólio não existe. O ramo da licenciatura em Artes Plásticas, apesar de designado pelo Ministério do Ensino Superior como sendo multimédia, apresenta-se como descendente directo das constatações de Krauss. A ter que se utilizar tal designação, que seja em nome da multi-medialidade ou, se quisermos manter a fidelidade à autora americana, de uma condição pós-medial hoje comum nas práticas artísticas

contemporâneas. A proposta para esta exposição a que, naturalmente, não voltamos as costas apresenta, por isso, uma muito derridiana possibilidade da impossibilidade, quer dizer, construir uma exposição de diálogo com uma realidade inexistente. Maior desafio não poderá haver.

Entendemos centrar a nossa pesquisa arquivista nas décadas de sessenta e

na Escola. Mas manteremos fechado o móvel de arquivo onde se encontram. Se existe uma possibilidade de diálogo, então ela é fomentada pela condição expandida dessa década e não pela representação objectual, – já de si difícil, diga-se de passagem, dado o carácter desmaterializado de muita da produção a que nos referimos – que, obviamente, o Museu não possui.



ART & LANGUAGE, “Index 001”, 1972

setenta por serem as datas fundadoras das práticas com que nos identificamos no ramo da licenciatura. A possibilidade que nos pareceu mais interessante – dada a inexistência de obras – foi concentrarmos a nossa atenção numa espécie de actualização da ideia de *index* cara a um dos mais importantes grupos a definir a expansibilidade da arte nessa década: o colectivo Art&Language. A envolvimento processual e documental que constituíam o núcleo das suas obras apresenta-se como uma saída fundamental para a nossa resposta ao desafio: dialogaremos com o conjunto de fichas de arquivo reunidas no espólio do Museu e relativas à década de setenta

Centremo-nos, então, no nosso objectivo: a ideia de diálogo. Toda a actividade do nosso ramo parte desta condição fundamental que é o conhecimento aprofundado das experimentações que foram sendo levadas a cabo por artistas ao longo das últimas quatro décadas. A pós-medialidade impôs uma dificuldade acrescida para o entendimento do objecto artístico contemporâneo e, como tal, uma necessidade ainda maior dos artistas poderem dialogar com o público na sua forma muito peculiar de comunicar. As obras expostas são herdeiras directas da expansibilidade conceptual, mas também sensorial, das

inúmeras possibilidades abertas pelos artistas nas décadas de sessenta e setenta e, contudo, essa espécie de diálogo que necessariamente estabelecem traz à superfície as enormes distâncias que as separam. E ainda bem, pois a não ser assim seria não um diálogo mas um monólogo.

Foram seleccionadas três obras de três autores diferentes para fazerem parte desta apresentação. A sua selecção obedeceu a dois pressupostos que, em nossa opinião são decisivos: por um lado, a intenção de transformar o espaço da galeria, associado ainda à ideia canónica de “white cube”, numa “black box” passível de conter em si as experiências sensoriais tornadas possíveis com a banalização tecnológica e o recurso a materiais distantes da materialidade moderna como o som e a luz; pelo outro, encontrar um conjunto de obras que, antes de mais, pudessem estabelecer relações decisivas com o espaço e entre si mas, sobretudo, que pelas várias configurações expostas se apresentassem como interlocutores válidos no diálogo com a condição expandida que nos interessou.

Assim, temos uma obra da Felícia Teixeira que se concentra em excluir o som. Uma sucessão de intervenções físicas numa fita magnética produz uma nova e obscura sonoridade experimental para um conjunto de músicas agrupadas num dos álbuns paradigmáticos de um sensibilidade popular dos 70: *o disco sound*. O apego pelo conhecimento dos materiais, a experimentação intensiva levou a autora a universos distantes da comodidade medial tradicional. Juntemos a estes factores uma outra e importante condição: o à vontade com que estes estudantes/artistas manipulam não só as ferramentas que lhes estão geracionalmente associadas, isto é, as digitais mas a vontade de arriscar em universos tecnológicos ditos obsoletos como no caso das cassetes analógicas que servem de base ao trabalho exibido. A peça apresentada pela Felícia, configura, portanto, um importante dado a ter em conta neste diálogo: a autonomia do áudio e do som como material plástico que esculpe o espaço virtualmente permitindo, desta forma, a expansibilidade para zonas sensoriais

anteriormente vedadas às práticas das então chamadas artes visuais. Também aqui a década de 70 teve um papel preponderante e esta peça chama a atenção para isso mesmo de uma forma derrisória e bem humorada sem, no entanto, nunca abdicar de se afirmar com grande vitalidade plástica.

O trabalho apresentado pelo João Brojo explora as potencialidades de ocupação do espaço que a noção de instalação veio trazer. Entre a construção de significados metafóricos e a deslocalização dos próprios materiais se constrói – aqui literalmente – a peça agora apresentada. Uma estrutura urbana e densa que projecta as suas sombras nas paredes escurecidas da galeria. A “cidade” que nos é apresentada é, afinal, constituída por amontoados de cassetes VHS que, organizados e iluminados por pequenos led(s) se constituem, numa convivência tecnológica plural, como possibilidade de questionamento da ideia de interior e exterior. Uma vez mais encontramos esse diálogo prolixo que é potenciado pela utilização contemporânea de tecnologia obsoleta, e não esqueçamos, nunca, o papel decisivo que a cassete de VHS teve na década de 70 na emancipação de uma nova forma de fazer arte que então se encontrava a dar os primeiros passos: o vídeo. O João abstém-se dos conteúdos que as cassetes contêm para se concentrar numa espécie de subversão formal para este utensílio tecnológico que agrupado intencionalmente adquire uma componente simbólica e objectual que lhe escapava na sua “vida” anterior.

A peça apresentada pelo Miguel Moscoso encontra-se, também, inserida, como as restantes, no território da instalação. Uma coluna de base quadrada e iluminada por lâmpadas fluorescentes serve de suporte formal a um conjunto de imagens que se imiscuem nos universos politizados da década de 70 e que, de certo modo, configuraram o contexto em que se desenrolaram as modificações estruturais que foram sendo introduzidas nas práticas artísticas. Ao contrário das outras peças aqui a ênfase é colocada no significado sem nunca colocar, contudo, em causa o tratamento formal que é, ainda assim, determinante. Porém, a peça do Miguel

insere-se numa corrente que privilegia a aproximação ao político como veículo para o trabalho. As imagens com que somos confrontados vêm, quase sempre, como também neste caso, do universo mediático mas são de imediato minadas pela confrontação que o seu agrupar lhes causa. Deixam de ter uma qualidade unívoca para se deixarem possuir pela sobrecarga significativa que a sua acumulação transmite. A relação intencional que estabelece com os universos de alguns artistas fundamentais da arte contemporânea, aqui agrupados pelo estudante/ artista numa espécie de monólito que teima em se intrometer nos nossos relacionamentos perceptivos é, também ela, sinónimo desta hipótese de diálogo que a arte actual potencia ao permitir-se olhar para trás sem complexos. Mesmo quando, como neste caso, se “juntam” artistas tão diferentes como, por exemplo, Dan Flavin ou Hans Haacke.

A estrutura curricular que Bolonha trouxe permitiu, finalmente, a existência na Faculdade de um grupo de estudantes interessados nas práticas que derivam desta condição expandida. Uma primeira geração já saiu, entre os quais alguns jovens artistas de elevado valor e já com provas dadas: um prémio BES Revelação, dois prémios europeus no domínio das sonoridades mais experimentais, para citar apenas os mais sonantes. O Museu e a Faculdade parecem continuar ausentes desta nova realidade. Ainda estamos a tempo de conseguir uma nova postura que promova, de uma vez por todas, a abertura a estes “novos” universos, hoje plenamente estabelecidos na realidade artística contemporânea. Se a exposição que agora vemos servir para realçar este alerta, um dos seus objectivos estará então cumprido. Se, a juntar a este, as peças agora mostradas potenciarem a discussão e diálogo tão necessários à prática artística, então ficaremos plenamente satisfeitos. Ficamos na expectativa...